

## EPISTEMOLOGIAS SUL-SUL E BEM VIVER: O Inédito-Viável em Freire, Krenak e Kusch

Márcia Adriana Rosmann<sup>1</sup>, Adriana Colling<sup>2</sup>,  
Maria Aparecida Bergamaschi<sup>3</sup>, Jaime José Zitkoski<sup>4</sup>

*Pela vontade de serem eles mesmos, os povos latino-americanos podem cultivar um sonho possível, inspirados nas utopias alentadas por heróis que não tiveram reconhecimento na história oficial (Adams; Streck, 2010, p. 36).*

### RESUMO

Este artigo possui caráter de anúncio-denúncia, constituindo-se em um movimento de esperar outros mundos possíveis a partir das Epistemologias Sul-Sul, dos conhecimentos e filosofias presentes na América Profunda. A colonialidade instaurada na América a partir da invasão europeia trouxe em seu bojo o pensamento euronortecentrado, que violentamente nega as formas plurais de estar sendo e ameaça o direito de existência – do ser de muitas vidas. Apesar, contudo, do caráter opressor do pensamento “euronortecentrado”, com o Sulear ele encontra resistência no pensamento indígena e popular, na força que gravita deste solo, que antes de tudo é indígena. Nessa perspectiva, este trabalho analisa as epistemologias Sul-Sul, na perspectiva do inédito-viável, especialmente no contexto da educação. Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico, centralizado nas obras de Paulo Freire (1921-1997), Ailton Krenak (1953-) e Rodolfo Kusch (1922-1979), a partir dos quais descrevemos a gênese do sulear e vamos tecendo visibilidades Sul-Sul, mobilizando conceitos como Epistemologias do Sul, Inédito Viável e Bem Viver. O texto evidencia a importância da utopia, de continuarmos esperando e indica que a força da América reside em seu hedor e ela só construirá seu caminho considerando suas profundezas e sua ancestralidade, que não deixa de ser nosso Sul.

**Palavras-chave:** epistemologias do sul; inéditos viáveis; Paulo Freire; Ailton Krenak; Rodolfo Kusch.

### SOUTH-SOUTH EPISTEMOLOGIES AND GOOD LIVING: THE UNPRECEDENTED-VIABLE IN FREIRE, KRENAK AND KUSCH

### ABSTRACT

This article has the character of an announcement-denunciation, constituting a movement to hope for other possible worlds based on South-South Epistemologies, knowledge and philosophies present in Deep America. The coloniality established in America following the European invasion brought with it Euro-centered thinking, which violently denies the plural forms of being and threatens the right of existence - of the being of many lives. However, despite the oppressive nature of Euro-North-centered thought, with Sulear it finds resistance in indigenous and popular thought, in the force that gravitates from this soil, which is first and foremost indigenous. From this perspective, this work analyzes South-South epistemologies, from the perspective of the unprecedented-viable, especially in the context of education. This is a work of a bibliographic nature, centered on the works of Paulo Freire (1921-1997), Ailton Krenak (1953-) and Rodolfo Kusch (1922-1979), from which we describe the genesis of sulear and weave visibilities to the South-South, mobilizing concepts such as Epistemologies of the South, Unprecedented Viability and Good Living. The text highlights the importance of utopia, of continuing to hope and indicates that America's strength lies in its heir and it will only build its path considering its depths and its ancestry, which is still our South.

**Keywords:** epistemologies of the south; viable unprecedented; Paulo Freire; Ailton Krenak; Rodolfo Kusch.

Submetido em: 15/11/2024

Aceito em: 27/2/2025

Publicado em: 7/8/2025

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. Porto Alegre/RS, Brasil. Instituto Federal Farroupilha – IFFar. Santo Augusto/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0992-4704>

<sup>2</sup> Instituto Estadual de Educação Indígena Ângelo Manhã Miguel. Grupo de pesquisa Peabiru- Educação Ameríndia e Interculturalidade. São Valério do Sul/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2195-0403>

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-6028-4039>

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1266-2039>

## INTRODUÇÃO

Desde a invasão da América pelos europeus, uma onda incessante de inserção do pensamento e do conhecimento do “Norte” vem se instalando por aqui, muitas vezes ignorando os saberes dos povos originários, bem como das classes populares, e produzindo um violento e silencioso processo de imposição desta cultura a estes povos. Não negamos o conhecimento europeu, ao contrário, reafirmamos a sua importância ao passo em que celebramos a temática deste artigo, a qual se inscreve em defesa das epistemologias Sul-Sul, na perspectiva do inédito-viável, especialmente no contexto da educação.

Por meio de pesquisa bibliográfica buscamos descrever a gênese do *sulear*, cuja problematização contrapõe-se ao caráter ideológico do termo *nortear*, além de contrariar a lógica eurocêntrica dominante. Ao longo do texto vamos tecendo visibilidades ao Sul-Sul, não como pretensão de referência universal, mas como “posicionamento crítico às representações geradas [historicamente] pelas referências espaciais e de orientação entre o eixo Norte-Sul e as tensões oriundas dessa relação” (Campos, 1991). Vale ressaltar que as epistemologias Sul-Sul são o anúncio alargado de possibilidades de ascensão dos sujeitos oprimidos pelo sistema econômico vigente, além de um olhar sensível aos povos originários, aos seus saberes, às suas culturas.

Epistemologias Sul-Sul suscitam o *esperançar* como práxis humana: ação-reflexão-ação, comungadas pela dialética do humano, em que a utopia-sonho possível se configura dimensão máxima para que as mulheres e os homens consigam extrapolar as “situações-limites” descritas por Freire (2011a; 2014a) e culminar com o “inédito viável como algo definido, a cuja concretização se dirigirá sua ação” (Freire, 2014a, p. 130). A defesa que aqui fizemos do *sulear*, como condição mínima de reconhecimento da América, dos povos daqui, das epistemologias daqui, é fundamental na luta pela reconstrução daquilo que foi usurpado pela colonização. Infelizmente não podemos brigar pelas vidas que se foram; mas podemos, sim, lutar em defesa daquelas e daqueles que sobreviveram e hoje nos brindam com seus saberes e sua cultura.

As referências bibliográficas – aqui fizemos um recorte – tratam exclusivamente de se importar com as classes populares, com os oprimidos e esfarrapados do mundo (Freire, 2014a), com os povos originários (Krenak, 2015; 2020a, b; 2022), com “todos os outros”, ou ainda como explicita Kusch (2000a, p. 192), com “el hedor de América”. Um ponto central da obra de Kusch trata-se do “fedor da América”, que são os outros: o daqui e o não europeu. São, sobretudo, aqueles que não vivem atrás da *pulcritud* (valores europeus), da limpeza. Sua crítica aponta isso, fundamentalmente. E essa crítica tem um pano de fundo político, não é somente uma visão da realidade, mas se concretiza com a realidade política, social e econômica, em que o fedor é marginalizado, explorado, “espancado” pelo sistema. Essa é também a nossa denúncia, cujas proposições de anúncio compõem este artigo.

Ao longo do texto vamos descrevendo os enunciados do título, trazendo para o debate a gênese do *sulear* e reafirmando sua importância no contexto atual, bem como suas *benéficas* ao campo da educação, em todos os níveis e modalidades do ensino e da aprendizagem escolares. Reinventamos Freire, como ele próprio sempre desejou,

construindo e reconstruindo caminhos epistemológicos e práticos desde o esperar, transpassados pela utopia-sonhos possíveis de superação das “situações-limite”, em que os “inéditos viáveis” tornam-se reais. Com a pretensão de demarcarmos percursos, indicando as direções no/do/para o sulear, a partir da presença constante dos autores que nos orientam, definimos que o Sul é o nosso lugar! Lugar para viver, lugar de onde partimos e para onde retornamos, por meio de nossas “andarilhagens” e produções teórico-epistemológicas e teórico-metodológicas. Nossas vivências experienciais se constituem, portanto, no/do/para o Bem Viver!

## EPISTEMOLOGIAS SUL-SUL: DO QUE EXATAMENTE ESTAMOS FALANDO?

Partimos de um pressuposto já consolidado: de que o “Norte” sempre foi o lugar de fala, sobretudo das produções acadêmicas e científicas em todas as áreas do conhecimento. Pois bem, doravante estamos tendo a possibilidade de vivenciar experiencialmente, não só esse tão importante lugar de fala, mas também o reconhecimento da geografia daqueles que se debruçam na produção, construção e reconstrução da Ciência, em suas mais variadas formas e sofisticações. É preciso, no entanto, deixar claro que não negamos, em absoluto, tudo aquilo vem “de cima”, “do Norte”, mas o que de fato queremos é dar visibilidade e credibilidade àqueles que são daqui, que aqui construíram/constroem suas vidas, suas histórias, suas Ciências.

Epistemologias *Sul-Sul* ampliam os horizontes da América, deste lugar imensamente grande e largamente colonizado, mas ainda tão tenro em suas mais significativas realidades e verdades. Sua gente, sua brava gente e sua essência, são testemunhas vivas da própria história, da história sofrida e da história que aos poucos vai sendo construída e reconstruída, pelas mãos daqueles cuja coragem e bravura epistêmica, descrevem páginas de resistência e luta por este chão.

Tomamos como exemplo a ideia metafórica de *suleamento*, antecipada no mapa da América Invertida – de cabeça para baixo – desenhado pelo uruguaio Joaquín Torres García em 1943, mostrando o mundo de outra perspectiva: “[...] porque en la realidad nuestro Norte es el Sur” (Torres García, 1941). Mais tarde, o termo *sulear*, foi “utilizado, pela primeira vez, na década de 1990, pelo físico brasileiro Marcio D’Oliveira Campos, e difundido, depois, no campo educacional, em 1992, no livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, por Paulo Freire, grande educador, pedagogo e filósofo brasileiro, que faz uso do vocábulo ‘*suleá-los*’ em oposição ao verbo nortear (Iela, 2024).

Nesse sentido, cabe destacar a importância linguística do termo:

Sulear, na Linguística Aplicada, significa redirecionar a natureza da formulação dos problemas de pesquisa e participar socialmente a partir de trabalhos sobre sexo e gênero, racismo, proletarianização do professor, a exclusão e o ensino na escola pública, a interculturalidade na produção de textos escolares, na formação de docentes, nos currículos da escola. Temas estes atraentes para linguistas aplicados que querem olhar, com olhos do Sul, para o Sul, de uma posição de vantagem porque é fronteira e ao mesmo tempo exterior, ocupando, assim, uma terceira, diferente e privilegiada posição (Iela, 2024).

Falar de uma epistemologia daqui, do Sul, é falar a partir da concepção freiriana de educação, cujo termo “sulear”, está associado, especificamente, aos saberes em defesa e valorização da identidade nacional-continental-sul, do espaço e do tempo dos estudantes no processo educacional e da leitura do mundo da vida. Sulear a práxis é uma perspectiva de denúncia e anúncio no pensamento freiriano e fortalece a construção da educação humana progressista, problematizadora e emancipatória.

Ao procurar entender seus interlocutores (camponeses, estudantes) a partir do seu lugar de fala, Freire (2014a, p. 33) faz autocrítica ao fato de que nem sempre se transportar a partir do referencial teórico (produzido na Europa, ou seja, no “Norte”), vai ao encontro do pensamento e da ação dos sujeitos durante o diálogo e afirma que “apesar de alguns anos de experiência como educador, com trabalhadores urbanos e rurais, eu ainda quase sempre partia de meu mundo, sem mais explicação, como se ele devesse ser o ‘sul’ que os orientasse. Era como se minha palavra, meu tema, minha leitura do mundo, em si mesmas, tivessem o poder de ‘suleá-los’”.

Ana Maria Araújo Freire – Nita Freire (2011a, p. 294-298), fez notas explicativas para diversas passagens do conteúdo do livro *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, e uma delas, a nota 15, refere-se ao termo “suleá-los”, desenvolvida em mais de duas laudas escritas e por isso optamos por manter a transcrição na íntegra, justamente porque faz referência ao professor Marcio Campos:

15. “Suleá-los”: Paulo Freire usou esse termo que na realidade não consta dos dicionários da língua portuguesa, chamando a atenção dos leitores(as) para a conotação ideológica dos termos nortear, nortear-la, nortear-se, orientação, orientar-se e outras derivações.

Norte é Primeiro Mundo. Norte está em cima, na parte superior, assim Norte deixa “escorrer” o conhecimento que nós do hemisfério Sul “engolimos sem conferir com o contexto local” (cf. Márcio D’Olme Campos, “A Arte de Sulcar-se”, p. 59-61, in *Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental, Manual de Apoio ao Curso de Extensão Universitária*, Teresa Scheiner [org.] Uni-Rio/Tacnet Cultural, Rio de Janeiro, 1991).

Quem primeiro alertou Freire sobre a ideologia implícita em tais vocábulos, marcando as diferenças de níveis de “civilização” e de “cultura”, bem ao gosto positivista, entre o hemisfério Norte e o Sul, entre o “criador” e o “imitador” foi o físico supracitado – Marcio Campos – atualmente dedicado à etnociência, à etnoastronomia e à educação ambiental.

Transcrevo palavras do próprio Campos, do mesmo texto supraindicado, que explicitam como ele percebeu e vem denunciando a pretensa superioridade intrínseca da inteligência e do poder criador dos homens e das mulheres do Norte:

A História Universal e a Geografia, como são compreendidas pela nossa Sociedade Ocidental de tradição científica, demarcam certos espaços e tempos, períodos e épocas, a partir de referenciais internalistas e mesmo ideológicos, muito a gosto dos países centrais do planeta.

Muitos são os exemplos desse estado de coisas que imprime um caráter apenas informativo e livresco à educação nos países periféricos, ou seja, do Terceiro Mundo.

No material didático encontramos, nos globos terrestres, a Terra representada com o polo Norte para cima. Os mapas, da mesma forma, respeitam através das legendas essa convenção apropriada para o hemisfério Norte e são apresentados num

plano vertical (parede) em lugar do plano horizontal (chão ou mesa). Com isso encontram-se pessoas dizendo no Rio que vão subir para Recife e quem sabe não podem estar pensando que existe um Norte em cada pico de montanha já que “norte fica em cima”.

Nas questões de orientação espacial, sobretudo com relação aos pontos cardeais, também os problemas são graves. As regras práticas ensinadas aqui são práticas apenas para quem se situa no hemisfério Norte e a partir de lá se norteia.

A imposição dessas convenções em nosso hemisfério estabelece confusões entre os conceitos de em cima/embaixo, de Norte/Sul e especialmente de principal/secundário e superior/inferior.

Em qualquer referencial local de observação, o Sol nascente do lado do Oriente permite a orientação. No hemisfério Norte, a Estrela Polar, Polaris, permite o norteamento. No hemisfério Sul, o Cruzeiro do Sul permite o “SULeamento”.

*Apesar disso, em nossas escolas, continua a ser ensinada a regra prática do Norte, ou seja, com a mão direita para o lado do nascente (Leste), tem-se à esquerda o Oeste, na frente o Norte e atrás o Sul. Com essa pseudorregra prática dispomos de um esquema corporal que, à noite, nos deixa de costas para o Cruzeiro do Sul, a constelação fundamental para o ato de “SULear-se”. Não seria melhor usarmos a mão esquerda apontada para o lado do Oriente? [grifo meu].*

Após essa longa, mas imprescindível citação, quero chamar a atenção para umas poucas palavras do texto que, mesmo sendo poucas, dizem muito e com muita força. Não sendo palavras abstratas, implicam um comportamento, uma postura de alguém, de alguma pessoa que os tem. Se os tem é porque os adquiriram concretamente.

Assim, me alongo nas observações-denúncias do prof. Márcio Campos perguntando-nos com a intenção de provocamos a reflexão: “virar as costas” ou virar “de costas” ou nos deixar *de costas* para o Cruzeiro do Sul – signo da bandeira, símbolo brasileiro, ponto de referência para nós – não seria uma atitude de indiferença, de menosprezo, de desdém para com as nossas próprias possibilidades de construção local de um saber que seja nosso, para com as coisas locais e concretamente nossas? Por que isso? Como surgiram e se perpetuaram entre nós? A favor de quem? A favor de quê? Contra quê? Contra quem nessa forma de ler o mundo?

Não seria essa “pseudorregra prática” mais uma forma de alienação que atinge os nossos signos e símbolos, passando pelo saber elaborado até a produção de um conhecimento que *dá as costas* para ele mesmo e se volta de frente, de peito aberto, de boca gulosa e de cabeça oca como um vasilhame vazio para ser enchido por signos e símbolos de outro lugar, enfim, para ser continente do saber elaborado pela produção de homens e de mulheres do “Norte”, do “cume”, do “superior”, do “ponto mais alto”?

Fica evidente a gênese do termo linguístico *Sulear* e sua originalidade no campo da educação. Além disso, é preciso considerar que “Freire convoca nosso olhar para os elementos *suleadores*, contra-hegemônicos, para denunciar a suposta neutralidade epistemológica de uma ciência atrelada aos interesses capitalistas, quase sempre produzidos nos países do norte” (Iela, 2024).

Em 2008 foi lançado o *Dicionário Paulo Freire*, organizado pelos professores Danilo Romeu Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitzkoski, com o objetivo de explicitar palavras/categorias utilizadas nas obras do educador, auxiliando a entender seu entorno teórico-prático, portanto prático. No verbete “Andarilhagem”, Carlos Rodrigues Brandão

(2010, p. 41, grifos no original) ao se referir a Freire, como “andarilho da utopia” chama a atenção para o termo *sulear*, complementando:

Sua primeira experiência como educador leva-o da grande cidade litorânea aos sertões secos do Nordeste: Angicos, no Rio Grande do Norte. Depois, à descoberta do Brasil. A vinda com a família para “o Sul” (tudo o que existe da Bahia para baixo, ou “para cima” no sentido especialmente dado por Paulo a uma geografia que ao seu ver deveria aprender a “sulear” para buscar o seu destino universal, ao invés de estar sempre apenas “norteando-se”, buscando o seu “norte”).

Célia Linhares, no verbete Anúncio/Denúncia (2010, p. 45), destaca o potencial da escrita poética de Freire, cuja denúncia não se faz sem o anúncio, e onde o *sulear* se destaca como uma marca dessa relação, expressa no verbete em questão:

Uma ilustração, dessa forma própria de denunciar, anunciando, se pode encontrar no uso do verbo “sulear”. Como que enveredando num atalho, Paulo Freire nos faz atentar para nosso pertencimento geográfico e político ao Sul, mostrando possibilidades de re-alinharmos nossos registros de orientação, promovendo uma reversão do nortear para o “sulear”, chamando-nos a atenção para mil maneiras, com que fomos habituados a falar, a pensar e a escrever, negando nossas realidades históricas. Falando como um poeta, Paulo Freire desliza para *sulear*, anunciando potências que não querem ser desaproveitadas e denunciando formas ideológicas de orientação que nos deprimem. Simultaneamente, Freire critica formas autorreferidas de comunicação e instiga a perspicácia de seus interlocutores, inquietando o sentido ordinário das palavras e, sem maniqueísmos, amplia o “sulear”.

A consciência do pertencimento geográfico e político, referido por Linhares, é fundamental e elucida toda a ideia, e também as consequências decorrentes do termo linguístico *sulear*. É preciso, pois, uma verdadeira práxis humana progressista, e esta só se efetiva com a consciência geográfica e política dos homens e das mulheres deste chão, deste imenso e grandioso Sul-Sul!

Consta também no dicionário, junto ao verbete “Fenomenologia”, escrito por Luiz Augusto Passos (2010, p. 185), a seguinte passagem: “A bússola ‘suleadora’ de Freire no mar das incertezas epistemológicas era a ação de libertação dos deserdados do mundo contra toda a opressão”. Fica explícito o teor do *sulear* na obra de Freire, não só porque transpassa cada uma das dimensões – teórica-epistemológica e teórica-metodológica – mas também por demarcar o território e as gentes daqui, do Sul. Trabalho-Educação, Cultura, Ciência, Tecnologia, aqui produzidas/construídas, são tão importantes e fundamentais como aquelas produzidas alhures.

O *Dicionário Paulo Freire* conta, inclusive, com o próprio verbete “Sulear”, escrito pelo professor Telmo Adams (2010, p. 385). Para Adams, vale lembrar que a palavra não consta nos dicionários da língua portuguesa e chama a atenção das leitoras e dos leitores para a conotação ideológica do termo “nortear”: “Ao analisar o Brasil e a América Latina, no contexto dos anos 1960, asseverou que era necessário assumir a herança colonial que carregamos até hoje, como condição para podermos superá-la”.

Nas palavras do próprio Freire, “O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. Foi uma colonização predatória, à base da exploração econômica. [...] O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa.

Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. ‘Doente’. Sem fala autêntica” (Freire, 2018, p. 90-91). Podemos aqui transpassar a denúncia já prescrita por Freire e reafirmar nosso compromisso, como educadoras e educadores, com a luta em defesa do nosso lugar, do nosso território, “del Sur Global”.

Romper com os paradigmas trazidos de fora, trazidos do Norte, é nossa responsabilidade. E como ressalta Adms (2010, p. 385) no verbete *sulear*: “A ótica do Sul caracteriza uma perspectiva epistemológica e política. Walter Mignolo (2004) enfatiza que de uma colonização geográfica passou-se a uma dominação do poder e do saber. Em decorrência das relações desiguais de poder econômico e político, a posição do Norte em relação ao Sul continua com seus instrumentos e estratégias atualizadas de colonialidade”. É preciso, pois, reverter essa situação. É preciso que

[...] o Sul, criado pela expansão colonial da Europa, seja colocado hoje no centro da “reinvenção da emancipação social”, protagonizando a globalização contra-hegemônica. Como contraponto ao “nortear”, cujo significado é a dependência do Sul em relação ao Norte, “sulear” significa o processo de autonomização desde o Sul, pelo protagonismo dos colonizados, na luta pela emancipação. Implica uma ação autônoma desde o Sul, enfrentando a integralidade das questões presentes na colonialidade do saber e do poder que tem a ver com um outro projeto de vida envolvendo a cultura, a economia, a política, a ciência e outras dimensões (Admas, 2010, p. 385).

Nesse contexto de lutas contra-hegemônicas o *sulear* significa construir paradigmas endógenos, alternativos, abertos e enraizados nas nossas próprias circunstâncias, considerando a nossa geopolítica. Paradigmas que refletem a complexa realidade que temos e vivemos, que refletem nossa “América Profunda”. *Sulear* é reconhecer o alicerce epistêmico e cognitivo totalitário da modernidade como discurso regional-sul da história em detrimento, apenas, do pensamento eurocentrado (Mignolo, 2004; Kusch, 1976; 2000a). Devemos, a partir da crítica ao eurocentrismo, propor uma nova ordem transformadora moderna, que compreenda a decolonialidade do conhecimento, sobretudo dos saberes periféricos, da cultura e do mundo da vida das pessoas, dos “outros” – do seu hedor (Kusch, 2000a).

Nessa perspectiva, para além da Linguística Aplicada, diferentes *Vozes do Sul*, inspiradas, especialmente, na pedagogia emancipatória de Freire (1921-1997) e em estudos sobre a decolonialidade do conhecimento, transpassam a busca por novas epistemologias dos saberes do Sul, desenvolvidas principalmente por Edgardo Lander, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Arturo Escobar, Enrique Dusell, Boaventura de Sousa Santos, entre outros pesquisadores que começaram a discutir a necessidade de construir, cada um dentro da sua área, conhecimentos que contemplassem *outras vozes, vozes Sul-Sul*. Neste artigo, no entanto, remetemo-nos, além de a Paulo Freire, a Rodolfo Kusch e a Ailton Krenak, cujas ideias centralizam diferentes contextos, expressos no espaço e no tempo da História da América.

As Epistemologias do Sul presentes nesta América Profunda são constituídas por sabedorias ancestrais, concebidas na coletividade, reciprocidade e no respeito com todos os seres com os quais dividimos esse planeta, em uma compreensão de que o humano é a própria natureza. Nesta direção, destacamos o bem viver como uma

epistemologia ancestral que se contrapõe com a perspectiva europeia de exploração e dominação da natureza e de seres humanos. Sobre o Bem Viver, o intelectual Airton Krenak explica que este conceito – que chega ao Brasil em língua espanhola, *Buen Vivir* – faz referência à cosmologia dos povos andinos:

Os nossos parentes Quechua e Aymara têm, ambos, em suas línguas, com pequena diferença de expressão, uma palavra que é Sumak Kawsai. “O Sumak Kawsai é uma expressão que nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão (Krenak, 2020b, p. 6).

Enquanto que as epistemologias do Norte Global estão pautadas na exploração predatória do planeta e de todos os seres que nele habitam, claramente exemplificadas pelas ações aniquiladoras desde a invasão deste território e as tentativas de imposição de uma monocultura do ser. Ser humano e natureza são, aos olhos do Norte, categorias dicotômicas e quanto mais distante e desconectado da natureza, mais desenvolvido um povo ou um indivíduo é considerado. Sabemos onde esta necrofilosofia nos trouxe: o planeta está esgotado e nos encontramos em uma bifurcação que nos impele como humanidade a tomar uma decisão: continuar caminhando na direção da destruição ou trilhar outros caminhos.

Conforme sinaliza Alberto Acosta (2016, p. 31-32):

Para falar do Bem Viver é preciso recorrer às experiências, às visões e às propostas de povos que, dentro e fora do mundo andino e amazônico, empenharam-se em viver harmoniosamente com a Natureza, e que são donos de uma história longa e profunda, ainda bastante desconhecida e, inclusive, marginalizada. Foram capazes de resistir, a seu modo, a um colonialismo que dura mais de quinhentos anos, imaginando um futuro distinto que muito poderia contribuir com os grandes debates *globais*.

Na perspectiva de caminhos outros, a humanidade pode inspirar-se nos passos dos povos originários deste continente, que há mais de cinco séculos resistem e semeiam vida, em relações de ética planetária onde o ser humano

[...] assim como todos os outros seres, ele está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do Planeta como um elemento de equilíbrio e regulador. Nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica (Krenak, 2020b, p. 13-14).

Nesse sentido, ao falarmos das epistemologias Sul-Sul, estamos explicitando seu significado em contextos emergentes, considerando o Sulear e as possibilidades que emergem dessa inversão de paradigmas. O alargamento da nossa compreensão, que transpassa a América Profunda de Kusch, a Pedagogia do Oprimido de Freire e o Bem

Viver de Acosta e Krenak, é percurso no sentido pleno da utopia, para que não paremos de caminhar, para que sigamos em frente nas nossas andarilhagens. O esperar nos fortalece e nos encoraja na luta pela superação das situações-limite, e assim, como representado pelo mapa de Torres Garcia, os inéditos-viáveis no/do/para o Sulear, tornar-se-ão realidade.

## **POR UMA PEDAGOGIA DA ESPERANÇA, DA UTOPIA-SONHOS POSSÍVEIS E DO INÉDITO VIÁVEL – CAMINHOS EM CONSTRUÇÃO**

Pensar e propor uma pedagogia da esperança, da utopia enquanto sonhos possíveis é recorrer, não somente à grande obra de Paulo Freire (1921-1997), mas como ele mesmo recomendou: reinventá-la e reconstruí-la conforme as possibilidades e as necessidades de cada contexto, de cada sujeito, conforme cada ocasião, considerando os anseios dos povos e das suas comunidades, considerando, inclusive, o Sul! Recorrer a ele e a outros tantos que se preocuparam com a educação de todas e todos que vivem suas experiências sob pena das mais diversas situações de exclusão e abandono pátrio. Cabe assinalar o sentido histórico e político dos sonhos possíveis de mulheres e homens diante das suas realidades, das suas situações-limite (Freire, 2011a, 2011b; Streck; Redin; Zitkoski, 2010).

A Pedagogia da Esperança suscitou, além de um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, a demarcação profunda e profícua da grande obra teórica freiriana, na perspectiva do esperar – e não da pura espera, da utopia como sonho possível e do inédito viável. “Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se” (Freire, 2011a, p. 126). No amálgama dos movimentos da humanidade, ou seja, no seu devir histórico, os seres humanos vão produzindo sua história, cuja trama transformativa é decorrente da esperança, da utopia-sonho e do inédito viável.

Danilo Romeu Streck, um dos professores organizadores do *Dicionário Paulo Freire* (2010, p. 161), descreve, entre outros, o verbete Esperança. Para ele, a “Esperança é uma categoria central na obra de Freire”, interligada com outros conceitos como utopia-sonhos possíveis e o próprio inédito viável. Segue Streck nas suas análises reflexivas: “[...] na *Pedagogia do Oprimido* a *esperança* se faz presente como condição para o diálogo, junto com o amor, a humildade, a fé nos homens e nas mulheres. A confiança instaura-se no diálogo que, por sua vez, é movido pela *esperança*” (grifos no original). Ou seja, até mesmo o ímpeto amoroso e afetuoso – de fé e de afeto! – provocados pelo diálogo esperançoso, o qual move, humildemente – sem agressões, inclusive à própria natureza e o mundo da vida humana contido nela.

Aos pensamentos do Sul – do Sulear – incluímos o esperar, como necessidade ontológica e histórica. Para a professora Ana Lúcia Souza de Freitas, que escreve os verbetes *Sonhos Possíveis* (2010a, p. 380) e *Utopia* (p. 412), “[...] A capacidade [utópica] de sonhar se nutre da esperança como dinamismo da ação transformadora” (Freitas, 2010a, p. 380). A transformação depende dos sonhos possíveis dos sujeitos, depende da sua utopia prática, ou seja, do Esperançar. O próprio Freire (2014b, p. 353-354) ao falar sobre um sonho, afirma que:

[...] eu falo muito dos sonhos. E chego a dizer que o sonho não é apenas um direito. É até um dever que a gente tem. O sonho faz parte da natureza do ser que nós, mulheres e homens, estamos sendo. [...] Sonhar aí não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar. Significa arquitetar, significa conjecturar sobre o amanhã. [...] o meu sonho fundamental é o sonho pela liberdade, que estimula a brigar pela injustiça, pelo respeito do outro, pelo respeito à diferença, pelo respeito ao direito que o outro tem e a outra tem de ser ele ou ela mesma. Quer dizer, o meu sonho é que nós inventemos uma sociedade menos feia do que a nossa de hoje. Menos injusta, que tenha mais vergonha. Esse meu sonho é um sonho de bondade e de beleza.

Ou seja, um esperar, utopia-sonho constituídos de boniteza. Boniteza como luta coletiva, mas também individual, em que “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 2011b, p. 139), ou seja, fora do Bem Viver. Boniteza de ser gente, cujo Bem Viver resulta numa “longa busca de alternativas forjadas no calor das lutas indígenas e populares” (Acosta, 2016, contracapa); “de nuestra América, del mero estar, del estar sendo, del estar no más” (Kusch, 1976; 2000a, b, c), numa perspectiva de amazonizar e ancestralizar o pensamento e o conhecimento latino-americanos (Krenak, 2022), desde o altiplano, no/do/para o Sular.

E segue Freire nas suas reflexões, como seus ditos e seus feitos, expressões da sua existência como gente, da sua práxis amorosa e da sua boniteza: “Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história”. E conclui com veemência: “Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (Freire, 2011a, p. 126). Esperança mobilizadora da utopia-sonho e do inédito viável, que se materializam à medida que os sujeitos, não sozinhos, mas em coletivos, mediados pelo seu saber-ser, seu ser mais, vão construindo concretamente o projeto pelo qual lutam.

Freire denuncia com radicalidade, desde a *Pedagogia do Oprimido*, as condições precárias em que vive e sobrevive uma grande parcela da população, sob pena de ficar à margem dos saberes; e uma importante insistência, retomada na *Pedagogia da Esperança* é: “leitura de mundo e leitura da palavra”, nem só uma, nem só a outra, “mas as duas dialeticamente solidárias. É a ‘leitura do mundo’ exatamente a que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica da ou das “situações-limite”, mais além das quais se acha o ‘inédito viável” (Freire, 2011a, p. 146-147). Ou seja, “[...] os homens [e as mulheres] não chegam a transcender as ‘situações-limite’ e a descobrir ou a divisar, mais além delas e em relação com elas, o *inédito viável*” (Freire, 2014a, p. 130, grifos no original).

Essa categoria, o inédito viável, “uma das mais importantes porque provocadora de reflexões”, é definida, assim, por Nita Freire (2011a, p. 277-279), na nota 1 da *Pedagogia da Esperança*. “Pouco comentada e arrisco dizer pouco estudada, essa categoria encerra nela toda uma crença no sonho possível e na utopia que virá desde que os que fazem a sua história assim queiram, esperanças bem próprias de Freire” Ou seja, a marca do esperar é prerrogativa nesta luta por espaço, pelo Sul, pelo lugar de fala de cada um e uma que se predispõe a dialogar na perspectiva da ação-reflexão. Em outras palavras, trabalho e educação em unidade, no sentido ontológico da existência humana, ou melhor dizendo, condição ontocriativa e cultural das mulheres e dos homens na incessante busca do ser mais.

O inédito viável apresenta-se, pois, a partir das contribuições freirianas, como uma espécie de variação cósmica “na qual as utopias (futuro) sejam o inédito viável presentificado pelo esperar (presente) em diálogo com as raízes étnico-culturais (passado) vivas em nós”. Não há educação, na perspectiva do Sulear e do Bem Viver, “sem despertar em cada uma/um o gosto de temporificar-se no fluxo incessante das urgências e dos apelos da vida pela justiça e pela liberdade” (Passos, 2010, p. 390). Aqui no Sul, o tempo se materializa na cultura daquelas e daqueles que são daqui, no mero estar de Kusch, no estar sendo de Freire e no futuro ancestral de Krenak.

Para Nita Freire (2011a, p. 278-279), o inédito viável é, conforme vimos falando, a utopia-sonho “sabe que existe, e que só será conseguido pela práxis libertadora que pode passar pela teoria da ação dialógica de Freire ou, evidentemente, porque não necessariamente só pela dele [mas também de todas as vozes do Sul], por outra que pretenda os mesmos fins”. Por isso mesmo o inédito viável “é expressão da atitude utópica que se opõe à visão fatalista da realidade, sendo esta uma peculiaridade do processo de conscientização” (Freitas, 2010a, p. 412). É, pois, a força e a coragem, sobretudo a ousadia dos povos daqui, em especial daqueles que são originários do Sul.

Nita Freire é quem escreve o verbete *Inédito Viável* (2010, p. 223). Segundo ela, Freire criou e usou pela primeira vez esta palavra/categoria na *Pedagogia do Oprimido* para elucidar as situações-limite. Nas palavras de Nita Freire:

[...] O inédito-viável não é, pois, uma simples junção de letras ou uma expressão idiomática sem sentido. É uma palavra na acepção freiriana mais rigorosa. Uma palavra-ação, portanto, práxis, pois não há palavra verdadeira que não seja práxis, daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. Uma palavra epistemologicamente empregada por Freire para expressar, com enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas. Uma palavra que carrega no seu bojo, portanto, crenças, valores, sonhos, desejos, aspirações, medos, ansiedades, vontade e possibilidade de saber, fragilidade e grandeza humanas. Carrega inquietude sábia e boniteza arraigada na condição de ser-se homem ou mulher. Palavra na qual estão intrínsecos o dever e o gosto de mudarmos a nós mesmos dialeticamente mudando o mundo e sendo por este mudado. Que traz na essência dela mesma o que podemos sentir e desejar e por ela lutar e sonhar; o que pode nos incomodar, inconformar e nos entristecer nas fraquezas dos seres humanos levados pela ingenuidade verdadeira ou pela deformação antiética. Palavra que nos traz, sobretudo, a esperança e o germe das transformações necessárias voltadas para um futuro mais humano e ético, para alcançarmos o destino ontológico da existência humana [...].

Nita explicita com clareza o sentido e o rigor praxiológico do inédito viável na concepção freiriana. Também fica clara a relação uníssona com a ética e a estética humanas e pontua aspectos fundamentais do mundo da vida de mulheres e homens e suas condições ontológicas de busca do *ser mais*. O inédito viável é, pois, “uma categoria que encerra nela a crença na transformação das pessoas e do mundo. É, portanto, tarefa de todos e todas” (Nita Freire, 2010, p. 224). O inédito viável é parte intrínseca das epistemologias Sul-Sul, amplamente anunciadas neste artigo. Inéditos viáveis para potencializar a educação em todos os níveis e modalidades, em que a problematização seja uma constante e a emancipação pessoal e profissional dos sujeitos seja de humanidade no ser e Bem Viver.

## A DIREÇÃO SULEAR EM FREIRE, KRENAK E KUSCH

Este tópico visa a tecer relações entre o pensamento dos autores apontados no subtítulo, importantes intelectuais, em que por meio de suas obras é possível vislumbrar caminhos outros, com oportunidades, acolhimento e inclusão, sobretudo respeito a todas e todos: Paulo Freire (1921-1997), Ailton Krenak (1953) e Rodolfo Kusch (1922-1979). Partimos da compreensão de que vivemos em um período histórico complexo, em que as guerras, a ganância exacerbada pelos sistemas neoliberal e capitalista, a própria pandemia da Covid-19 que escancarou e intensificou desigualdades, e nesse contexto, é imprescindível que a educação seja pensada e praticada a partir de óticas críticas e humanizadoras, que são produzidas e construídas aqui, para as gentes deste chão, daqui do Sul. Nesse sentido, são valiosas as contribuições deles para o processo de nos tornarmos gente mais gente; gentes em busca do *ser mais*.

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), filósofo e educador, nasceu e cresceu em Pernambuco, fez sua formação e iniciou sua carreira naquele Estado do Nordeste brasileiro. Por conta do golpe civil-militar de 1964 foi para o exílio, lá escrevendo sua obra reconhecida mundialmente, a *Pedagogia do Oprimido*. Mais tarde escreveu a *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* – largamente explorado neste artigo – na qual ele pôde, além de destacar, e até mesmo corrigir/atualizar, algumas questões conceituais, e retomou/criou outros tantos que são fundamentais para a educação das mulheres e dos homens, especialmente das classes populares e dos camponeses, a quem a utopia, como sonho possível, é uma constante:

Por isso venho insistindo, desde a *Pedagogia do oprimido*, que não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua (Freire, 2011a, p. 126).

Aqui é possível vislumbrar o esperar por tempos melhores, por espaços como lugares de fala e de afirmação-ascensão dos sujeitos, da não inexorabilidade do futuro daquelas e daqueles que sonham, mas que também lutam, incansavelmente, por meio da denúncia e também do anúncio, com grande ética sempre ao lado da estética. Mulheres e homens que se constroem pela história ao passo que a vão construindo, cujas feitura vão dando *corpus* à utopia, na medida em que os sonhos vão se concretizando e tornando-os mais fortes e vencedores, na busca incessante do ser mais.

Outro aspecto convergente nas obras de Freire, Krenak e Kusch é o posicionamento crítico e indignado diante da realidade, desde a chegada dos europeus à América – as drásticas consequências, analisadas a partir de uma ótica que intersecciona etnia, gênero e classe, além de outros aspectos que configuram as diversidades humanas. Ambos ressaltam a vida e a educação popular-pública, visando à emancipação dos sujeitos diante do mundo, da natureza e do Bem Viver (Acosta, 2016, p. 26), que nas palavras do autor, trata-se de um aspecto fundamental das vivências experienciais de todos os povos e em todo o planeta:

Alguns leitores apressados poderiam pensar tratar-se de um princípio restrito ao ambiente andino e amazônico, mas não: o Bem Viver é uma filosofia em construção, e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós, no Brasil, com o teko porã dos guaranis. Também está na ética [e na estética] e na filosofia africana do ubuntu – “eu sou porque nós somos”.

Ao encontro do ubuntu, Freire (2011b, p. 34), ao se referir à ética e à estética no processo educativo, afirma que “Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos [e estéticos]. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é condição, entre nós, para ser”. As assertivas de Acosta e Freire somam-se às ideias de Kusch (2000a), em que “El mero estar” transpassa a interpretação do mundo, ou seja, estar sendo em harmonia com o mundo da vida, com a natureza. Estar é ser um indivíduo (o sujeito na sua totalidade, na integralidade orgânica), mas é também o coletivo! Capacidade de resistência! O estar indica a pura vida, a sentimos, mas não podemos defini-la, sempre há um mistério. O estar é estar em pé!

Gunther Rodolfo Kusch (1922-1979), filósofo e antropólogo argentino, cuja história acadêmica assemelha-se à de Freire – teve de se exilar, mas o fez no seu próprio país. Vivenciou seus últimos trabalhos e escritas na região norte/noroeste, mais especificamente na cidade de Maimará, na Província de Jujuy/AR. Suas principais experiências de pesquisas e produções acadêmicas foram realizadas com povos andinos, buscou compreender seus mundos, sua vida e cultura. Sua principal obra, *América Profunda*, foi escrita na primeira pessoa do plural – nós – com sentimento e pensamento de plenitude, de transcendência, o sentir-pensar.

Segundo Kusch (2000a), para os povos pré-colombianos não há uma diferença significativa ou uma separação entre sujeito e objeto, sujeito e natureza, mas há uma reciprocidade; ambos se sustentam. Existe, portanto, um modo de nos vincularmos – e de nos relacionarmos – com as coisas: com os objetos, com a natureza e com as próprias pessoas. E esse vínculo, ou essa relação, tende a demarcações que podem ser de equilíbrio e de harmonia, ou de exploração e de extração.

No primeiro caso está presente o sagrado, ou seja, o modo de estar sendo dos povos pré-colombianos; no segundo, o sistema neoliberal capitalista, que configura o ser conquistador europeu. “Desde el punto de vista del mero estar, la evolución de América puede tener un sentido especialísimo. Se da ya en la conquista”. Desde então, vem incessantemente se tentando “conquistar” e transformar (para não dizer aniquilar) o mundo da vida e a cultura aqui existentes: “Podemos afirmar que la aculturación se produce sólo en un plano material, como la arquitectura o la vestimenta, en cambio, en otros órdenes, pudo haberse producido un proceso inverso, diríamos de fagocitación de lo blanco por lo indígena” (Kusch, 2000a, p. 179-180). Para Kusch, o mero estar fagocita o ser.

Desse modo, é preciso considerar que o estar e o ser não são termos que se excluem, mas que se implicam, são como uma árvore na sua totalidade, com suas copas e com suas raízes. A fagocitação ocorre, pois, quando alguém quer ser sem estar. A condição de ser é estar, porque o estar precede o ser, e por isso pode resistir, absorver,

fagocitar o ser! Vale lembrar que, a partir da chegada do colonizador e seus projetos não correspondentes com os ideais daqui, houve a naturalização da modernidade e a modernização da natureza – o paradoxo de ser alguém. Forte sentimento de poder, de progresso ilimitado. Ser alguém sob o modelo europeu de ser, sob o afã competitivo de ser alguém.

Todo respondía a un planteo intelectual frente a la vida, que no tomaba en cuenta la realidad, sino que se basaba en una ficticia e inusitada afanosidad, cuya base radicaba, aparentemente, en el esfuerzo del hombre y en la fuerte convicción que la especie humana iba a alcanzar su salvación final con el liberalismo (Kusch, 2000a, p. 185).

Nessa perspectiva, Kusch chama a atenção para o individualismo do ser, produzido a partir da grande massa de “coisas”, do mercado, “del patio de los objetos”. Para ele, “el hombre no es más que lo que produce”, e que “es falso todo país montado sobre la base de un individualismo de mercadores” (Kusch, 2000a, p. 186-187). Vale destacar que os coletivos e os cuidados com o planeta são urgentes. A crítica produzida por Kusch reverbera a insurgência da quebra de paradigmas, da amplitude de visibilidade para o Sulear, considerando suas riquezas naturais, cognitivas e culturais.

Kusch não faz referência a uma América exótica, para consumo, diversão, turismo. Sua *América Profunda* – profunda em todas as suas obras, é o resultado de um grande e original desafio de fazer filosofia de e desde a América. Nela ele critica a história universal, colonial, imperial, europeia, e denuncia a filosofia canônica, eurocêntrica e tudo o que esta tradição compreende: “La filosofía indigena [e popular] no discrimina el saber por separado de su vida, sino que gira en torno a este mismo vivir. Es lo que llamamos el *pacha*. [...] *kay pacha*. [Inca: mundo terreno]” (Kusch, 2000a, p. 380, grifos no original).

É preciso, pois, cuidarmos da “casa comum”, cujo “significado é viver em aprendizado e convivência com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos ‘parte’ dela e que não podemos continuar vivendo ‘à parte’ dos demais seres do planeta”. A natureza não está aqui para nos servir, até porque nós, humanos, também somos natureza e, sendo natureza, quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos. O Bem Viver (Acosta, 2016 ; Krenak, 2020b) recupera esta sabedoria ancestral, rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo, todas e todos em coisa, ou seja, a coisificação do humano, que deve ser superada.

Nesta mesma direção caminha Ailton Alves Lacerda Krenak, nascido em 1953 na cidade de Itabirinha/MG. Aos seus 71 anos nos brinda com sua trajetória pessoal e acadêmica, construídas sob a égide da ética e da estética, bem como da utopia como sonho presente na vida de muitos povos indígenas. A partir de Krenak (2019, p. 53), compreendemos o sonho como “uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm, no sonho, um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com outras pessoas”. O sonho possibilita o encontro com a ancestralidade, “é o instante em que nós estamos conversando e ouvindo os nossos motivos, os

nossos sábios, que não transitam aqui nesta realidade. É um instante de conhecimento que não coexiste com este tempo aqui [...] uma tradição” (Krenak, 1989).

Nesse sentido, os autores aqui referenciados possuem uma profunda compreensão dos processos de colonização e colonialidade, cujas raízes dão origem e/ou intensificam o racismo, sexismo, a desigualdade social e transpassam a educação escolar, haja vista o currículo eurocêntrico e as discrepâncias dos objetivos da sua oferta a sujeitos de diferentes realidades sociais: para alguns, a universidade; para outros, o mercado de trabalho precarizado. Krenak nconvoca-nos a refletir a respeito dos projetos de sociedade, de mundo, de futuro com os quais as escolas têm contribuído:

Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter (Krenak, 2020a, p. 55).

Krenak, intelectual cujas críticas e análises não esmorecem nem esvaziam-se em posições deterministas de que não há possibilidades de trilhar caminhos outros, convida-nos a esperar: “[...] nós não podemos mais continuar atendendo a esse pedido do mercado de formar profissionais, de formar técnicos, de formar gente para operacionalizar o sistema [...]. A gente tem que ajudar a formar seres humanos” (Krenak, 2020b, p. 20-21).

Educar para a vida, para o desenvolvimento das potencialidades humanas e não para estar a serviço do capital, da exploração de Pachamama e de outros seres é uma urgência. É pertinente destacar, contudo, que processos educativos nesta perspectiva acontecem há milhares de anos na América Profunda. Apesar de todas as violências sofridas, os povos ligados a este solo nunca deixaram sua humanidade de lado e seus processos próprios de ensino-aprendizagem são estruturados para educar para o Bem Viver, para a reciprocidade da vida em coletivo, para o relacionamento respeitoso com todos os seres com os quais dividimos a existência, para a fruição da vida, para que os sujeitos tomem parte nesta dança cósmica da qual nos fala Krenak. Assim, nos remetendo a Krenak, que nos diz que o futuro é ancestral, afirmamos que as epistemologias presentes na América Profunda são essenciais para que mundos outros sejam construídos.

## **CONSIDERAÇÕES: O SUL É O NOSSO LUGAR!**

O período histórico em que vivemos, com a presença marcante da colonialidade, eurocentrismo e neoliberalismo, pode induzir à apatia, à desesperança e à redução da vida a uma “coreografia ridícula e utilitária” (Krenak, 2020b, p. 57). Apesar, no entanto, dos tempos difíceis, marcados pela necropolítica e pelas mudanças climáticas, “[...] não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais” (Krenak, 2022, p. 22). É preciso, pois, insistirmos com grande força e convicção nas nossas utopias-sonhos possíveis. A superação das “situações limites” e o alcance dos “inéditos viáveis” dependem de tais façanhas.

Ailton Krenak, Paulo Freire e Rodolfo Kusch nos convidam a continuar tendo esperança e esperançando possibilidades outras de vida que não estejam a serviço da lógica do capital, haja vista que “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-dado” (Freire, 2011b, p. 71). A esperança, portanto, do verbo esperançar. Da conjunção práxica da ação-reflexão-ação. Da verdadeira práxis humana e educativo-crítica, problematizadora e emancipatória (Freire, 2014 a, b. c, 2014).

Nesta perspectiva, continuar sonhando com outros mundos possíveis é também um ato de resistência. Como nos ensina Krenak (2020b, p. 58), “nós temos de ter coragem de ser radicalmente vivos. E não negociar uma sobrevivência”. Considerando que não é possível mencionar a resistência a este sistema capitalista e mortal sem reconhecermos que por mais de cinco séculos os povos indígenas têm evitado *A queda do céu*<sup>5</sup> e compartilhado *Ideias para adiar o fim do mundo*<sup>6</sup>, esperançar mundos melhores perpassa a sociedade – especialmente a branquitude e o Norte Global, sonhando junto os sonhos gestados na *América profunda*<sup>7</sup>, na *Abya Yala*<sup>8</sup> indígena.

Como bem nos lembra Krenak (2020a, p. 111-112),

Os povos originários ainda estão presentes neste mundo não porque foram excluídos, mas porque escaparam, é interessante lembrar isso. Em várias regiões do planeta, resistiram com toda força e coragem para não serem completamente engolfados por esse mundo utilitário. Os povos nativos resistem a essa investida do branco porque sabem que ele está enganado, e, na maioria das vezes, são tratados como loucos. Escapar dessa captura, experimentar uma existência que não se rendeu ao sentido utilitário da vida, cria um lugar de silêncio interior. Nas regiões que sofreram uma forte interferência utilitária da vida, essa experiência de silêncio foi prejudicada.

Sustentadas pelas Epistemologias do Sul invocadas neste texto, reafirmamos que os povos originários têm gestado mundos em que a “[...] vida possa ser percebida e experienciada como fruição, [...] uma dança, só que é uma dança cósmica” (Krenak, 2020a, p. 57), e pensar inéditos viáveis é também juntar-se a essa dança e voltar os olhos à ancestralidade, pois “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022, p.11). E como nos ensina Krenak (1989), pensar o futuro ancestral envolve assumir o “compromisso de manter o leito do sonho preservado para os meus netos. E os meus netos terão que fazer isso para as gerações futuras. Isso é a memória da criação do mundo”.

Kusch (1976, 2000, a, b, c) acentua grandemente o sentido de América Profunda – a geocultura, a força que gravita deste solo que, antes de tudo é indígena. O pensamento indígena e popular em contraponto com o pensamento euronortecentrado. Para o autor,

<sup>5</sup> Referência ao livro *A queda do céu – palavras de um xamã Yanomami*, escrito por Davi Kopenawa e Bruce Albert.

<sup>6</sup> Referência ao livro de mesmo nome, escrito por Ailton Krenak.

<sup>7</sup> Referência ao livro de mesmo nome, escrito por Rodolfo Kusch.

<sup>8</sup> Antes da invasão europeia e sua denominação como América, este continente já era nomeado pelos povos originários que o habitam. *Abya Yala*, proveniente da língua do povo Kuna, pode ser traduzida para o português como “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e tem sido utilizada em um contexto político para nomear este continente, em contraponto a “América”.

o hedor é entendido como força da América – em contraposição a pulcretud (a limpeza vinda do Norte), observando-se que esta só construirá seu caminho considerando suas profundezas, que não deixa de ser nosso Sul: “Un punto de vista americano sólo puede suponer una evolución desde el ángulo del mero estar o sea de la cultura de la sierra, o sea de lo indígena. Y eso no es solo porque así lo advertimos en todos los órdenes, sino porque el mero estar, tiene una mayor consistencia vital que el ser en América” (Kusch, 2000a, p. 194).

Claro que o hedor, por isso, por essa imagem de ser diferente, esse modo de viver culturalmente diverso, mas que de alguma maneira também espera por mudanças, também busca uma saída política, pois o hedor precisa ser humanamente reconhecido e valorizado nas suas especificidades e diversidades. “Em se tratando da cultura em especial, para além da “civilização”, “[...] solo cabe hablar en América de un probable predominio del estar sobre el ser, porque el estar, como visión del mundo, se da también en la misma Europa”, ou seja, “por todo ello, no cabe hablar de una elevación sino más bien de una distención, o mejor, fagocitación del ser por el estar, ante todo un ser alguien, fagocitado por un estar aquí” (Kusch, 2000a, p. 194-195). Esta é, portanto, uma luta histórica! Tem suas raízes no despontar da Idade Moderna, com a chegada dos europeus na América. E de lá para cá, o que fazem aqueles que aqui estavam, senão fagocitar.

Epistemologias Sul-Sul é a expressão das lutas históricas, do esperar, do futuro ancestral, da fagocitação das mulheres e dos homens daqui, del Sur, conforme afirma (Acosta, 2016, p. 59): “A partir da década de 1960, especialmente, apareceram posições e visões críticas ao desenvolvimento no terreno econômico, social e, mais tarde, ambiental. A América Latina contribuiu com potentes leituras contestadoras – o estruturalismo e a teoria da dependência, por exemplo”. O Bem Viver, característico dos povos da América, trata-se do seu estar sendo, do seu estar no mundo, não somente como parte do mundo, mas como ser do próprio mundo da vida. Para eles o cosmos revela-se como algo orgânico. Em seus rostos se vê outros mundos, os seus mundos. Em seus mundos se escuta outras vozes, as suas vozes!

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu. América Latina. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 36.
- ADAMS, Telmo. Sulear. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 385.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 41.
- CAMPOS, Marcio D’olne. *A arte de sulear-se*. In: SCHEINER, Teresa Cristina (coord.). *Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental*. Manual de apoio ao Curso de Extensão Universitária. Rio de Janeiro: TACNET Cultural UNI-RIO, 1991. p. 59-61, 79-84. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/03/CAMPOS-M-D-A-Arte-de-Sulear-1-1991A.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014c.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito viável. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 223.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Sonhos possíveis. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a. p. 380.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Utopia. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b. p. 412.
- IELA. *A origem do suleiar*. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/a-origem-do-suleiar/>. Acesso em: 13 out. 2024.
- KRENAK, Ailton. Receber sonhos. *Teoria e Debate*, 1989. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1989/07/06/ailton-krenak-receber-sonhos/>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, Ailton. *Caminhos para uma cultura do bem viver*. [S. l.]: Cultura do Bem Viver, 2020b.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. Paisagens, territórios e pressão colonial. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 327, 2015. DOI: 10.22456/1982-6524.61133. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/61133>. Acesso em: 30 out. 2024.
- KUSCH, Rodolfo. *América profunda* (1962). Tomo II. Rosário, Argentina: Editorial Fundación A. Ross, 2000a.
- KUSCH, Rodolfo. *El pensamiento indígena y popular en América* (1970). Tomo II. Rosário, Argentina: Editorial Fundación A. Ross, 2000b.
- KUSCH, Rodolfo. *La negación en el pensamiento popular* (1975). Tomo II. Rosário, Argentina: Editorial Fundación A. Ross, 2000c.
- KUSCH, Rodolfo. *Geocultura del hombre americano*. Buenos Aires: Fernando Garcia Cambeiro, 1976.
- LINHARES, Célia. Anúncio/denúncia. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 45.
- MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-709.
- PASSOS, Luiz Augusto. Fenomenologia. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 185.
- STRECK, Danilo Romeu. Esperança. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 161.
- STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- TORRES GARCÍA, Joaquín. *Universalismo Constructivo*. Buenos Aires: Poseidón, 1941.

#### Autor correspondente

Márcia Adriana Rosmann

Instituto Federal Farroupilha – IFFar

Rua Fabio Joao Andolhe – Floresta, Santo Augusto/RS, Brasil. CEP 98590-000

marcia.rosmann@iffarroupilha.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído  
sob os termos da licença Creative Commons.

